

## VIAGENS AO BRASIL OITOCENTISTA: A DIVERSIDADE RACIAL NO IMAGINÁRIO DOS VIAJANTES

\*Olívia Biasin Dias

**Resumo:** *O presente trabalho se propõe a analisar como a diversidade racial brasileira foi observada pelos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil e passaram pela Bahia, no século XIX. Além disso, pretende-se demonstrar como o componente humano, especialmente o índio e o negro brasileiros, tornaram-se objeto de interesse e apreciação desses agentes históricos, simultaneamente à tentativa do governo de construir uma imagem positiva e homogênea da população do país, divulgada de forma politicamente estratégica.*

**Palavras-chave:** Ciência; Viagens; Diversidade racial; Representação e identidade.

### INTRODUÇÃO

A transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, resultaram em fatos que incentivaram a vinda de estrangeiros às terras brasílicas. Esses acontecimentos, além de marcos no processo de emancipação política, assinalaram o início de novas relações comerciais e culturais, influenciando decisivamente no desenvolvimento urbano das principais cidades brasileiras.

No decorrer do século XIX, a ciência, a psicologia e a história natural estavam em voga na França (considerada o centro da civilidade). Nesse período, é natural que tenha surgido nesse e nos demais países europeus uma tendência às viagens, prática que inspira conhecimento, aventura, coragem, crescimento econômico e cultural. Ademais, esse século foi marcado pelos ideais românticos, que apontaram novas motivações para as viagens: a contemplação da natureza e a necessidade de descanso.

Grande parte dos viajantes que estiveram no Brasil oitocentista estava participando de expedições científicas que visitavam diversos países. Entre esses pesquisadores, destacaram-se geólogos, botânicos, zoólogos, naturalistas, mineralogistas e etnólogos. No entanto, apesar de os cientistas representarem a maioria, eles não foram os únicos estrangeiros a aportar em terras brasileiras. Muitos artistas, jornalistas, missionários religiosos, representantes diplomáticos, homens de negócios, comerciantes, técnicos, engenheiros, médicos, educadores, profissionais liberais, pessoas com a finalidade de visitar parentes ou a passeio estiveram no país (PIRES, 2001, p.97).

Outros indivíduos vieram ao Brasil com a intenção de escrever sobre a experiência da viagem para, ao voltar ao seu país de origem, publicá-la. Nesse período, o gênero de aventura estava em voga na Europa e os jornais e as editoras se interessavam pelos relatos de viagem, já que havia grande interesse por parte do público nesse tipo de literatura. Vale ressaltar que a produção literária, muitas vezes, mesclava o interesse acadêmico-científico com a intenção de difundir e legitimar o expansionismo econômico e político-militar de países europeus, especialmente da Grã-Bretanha, ou eram produtos de encomenda do governo brasileiro, visando atrair a imigração européia (AUGEL, 1980, p.6).

---

\* Mestranda em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). O presente trabalho foi realizado com o apoio do CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO-CNPq-Brasil.

No decorrer do século XIX, muitos estrangeiros estiveram na Bahia, inclusive, algumas personalidades ilustres. Entre 1815-1818, Maximiliano (Príncipe de Wied-Neuwied), Von Spix e Von Martius, respectivamente, vieram à Bahia pesquisar sobre a fauna e a flora. Em 1818, foi a vez do comerciante francês Louis François de Tollenare. Maria Graham também passou por aqui em 1821; o naturalista inglês Charles Darwin, em 1832 e 1836 e o Príncipe de Joinville, em 1840. O Conde de Suzannet esteve no Brasil entre 1842 e 1843, permanecendo algumas semanas na Bahia. O Príncipe Duque de Wurtemberg veio à Bahia, em 1853. O naturalista Louis Agassiz, acompanhado por sua esposa, esteve no país em 1865 e o Arquiduque Maximiliano da Áustria conheceu a província da Bahia no ano de 1860, só para citar alguns exemplos. Esses viajantes entraram em contato com uma cultura diferente da sua, o que propiciou troca de experiências, conhecimentos e influências mútuas (VERGER, 1999, p.131).

O fato de os viajantes que vieram à Bahia no oitocentos nem sempre pertencerem à mesma classe social e possuírem os mesmos objetivos resultou em uma heterogeneidade de interpretações e juízo de valores feitos por eles. Ademais, como os visitantes não faziam parte da sociedade local, já vinham ao país com uma idéia pré-concebida sobre o mesmo. Muitos também tinham dificuldade para entender o idioma local e tiveram um contato mais próximo apenas com estrangeiros ou indivíduos mais abastados, com costumes “europeizados”. Assim, diversos viajantes escreveram sobre os fatos observados (aqueles considerados mais relevantes) sem contextualizá-los, o que acarretava em generalizações e imagens distorcidas.

## A DIVERSIDADE RACIAL SOB O OLHAR DOS VIAJANTES

Os viajantes do século XIX, cientistas ou não, geralmente escreviam a respeito das diferenças geográficas e sócio-culturais das localidades visitadas e do cotidiano dos que aqui viviam. Eles costumavam descrever tudo o que consideravam exótico e pitoresco, sendo as características dos índios, a vida dos escravos e as relações inter-raciais os assuntos mais comentados.

Os negros eram considerados *diferentes* do restante da população devido a sua procedência, cor da pele, caracteres fenotípicos e culturais, sendo recorrente a percepção de que eles eram inferiores, idéia dominante na época. Muitos visitantes se incomodavam com o fato de os negros participarem do cotidiano das cidades, ficando evidente a mescla de curiosidade e repulsa que permeava os sentimentos desses estrangeiros. Durante todo o século XIX, a interpretação pessimista, que via o Brasil como atrasado em função da sua composição étnica e racial, era bastante difundida tanto internamente quanto no exterior. Segundo Schwarcz (1993, p.14), nesse momento, as teorias científicas raciais eram priorizadas na análise dos problemas locais.

No ano de 1843, o Conde de Suzannet, durante sua estada na Bahia, chocou-se com a “imoralidade” de todas as classes sociais que, para ele, “[...] possibilitou o cruzamento das raças e destruiu todos os preconceitos de casta” (SUZANNET, 1957, p. 43).

O visitante analisou a população brasileira, explicando que ela era

[...] composta de diversas raças: I – Os portugueses da Europa, naturalizados brasileiros; II – Os portugueses crioulos, nascidos no Brasil, ou brasileiros propriamente ditos; III – Os mestiços de brancos e negros, ou mulatos; IV – Os mestiços de branco e índios, ou cabras; V – Os negros da África; VI – Os índios que se dividem em diversas tribos (Ibidem).

De acordo com Guimarães (2000, p.4), os viajantes-pesquisadores do século XIX viajavam para regiões pouco conhecidas com o objetivo de analisar detalhadamente as características da natureza e dos habitantes dos locais visitados. Essas viagens se realizaram num período em que a ciência estava em processo de afirmação, desse modo, não se esperava dos viajantes apenas

relatos de aventuras, mas sim, impressões com valor científico, organizadas a partir de uma metodologia específica de observação e coleta, que seriam utilizadas para a construção e hierarquização de um saber sobre as sociedades humanas.

A idéia predominante na época era de que a miscigenação seria um fator negativo para a raça humana, sendo este um “fardo” para o Brasil, o que pode ser observado através das palavras do naturalista Agassiz, em 1868:

[...] qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental (AGASSIZ, 1975, p.63).

O etnocentrismo era uma característica comum a esses visitantes, que normalmente não conseguiam compreender a dinâmica sócio-cultural dos lugares visitados e julgavam seus habitantes de acordo com suas referências, expressando uma grande carga de preconceito racial. Esse fato pode ser notado por meio da narrativa do Arquiduque Maximiliano da Áustria durante um passeio que realizou ao Dique, em Salvador:

Tais negros são realmente um povo de boa índole que, com sua cordialidade quase canina, reconhecem a superioridade dos brancos. Toda essa cena, com as figuras negras pré-adâmicas, às margens do regato fresco, sombreadas por mangueiras misteriosas, cercadas de grande quantidade de aróideas e milhares de outras cores cintilantes, apresentava um quadro típico do exotismo meridional (HABSBURGO, p.102).

Como se vê, Maximiliano animalizou o negro, **comparando-o ao cachorro** e associando-o a uma imagem primitiva e ao exotismo dos trópicos. Segundo Silveira (2000), tanto a animalização quanto a infantilização das raças consideradas inferiores eram argumentos comumente usados pelos intelectuais dos oitocentos. As correntes do pensamento racista naturalizaram os modos de pensar e agir, transformando o comportamento a algo inato ao tipo físico e excluindo os processos históricos e psicossociais que permeiam a vida dos indivíduos. Na associação da raça com a personalidade, as supremacias moral e intelectual do branco europeu eram sempre destacadas.

Por sua vez, Darwin expressou o que significava para o viajante-naturalista, que buscara conhecer e classificar o mundo, entrar em contato com o indígena:

Quanto a objetos individuais, talvez nada possa mais certamente criar admiração do que a contemplação do bárbaro na sua pátria nativa – do homem no seu estado mais rudimentar e primitivo. A mente retrocede rapidamente pelos séculos que se foram e indaga: poderiam os nossos progenitores ter sido idênticos aos que agora temos sob as vistas? Homens, cujos sinais e expressões, quando mais não seja, são menos inteligíveis a nós que os dos próprios animais domésticos; homens, que não possuem os instintos desses animais, nem parecem ostentar o raciocínio humano ou, pelo menos, alguma arte conseqüente desse exercício da razão. Não creio ser possível descrever-se ou pintar a diferença que há entre o selvagem e o homem civilizado. É a diferença entre uma fera e um animal doméstico – e parte do interesse que se encontra em contemplar um selvagem é a mesma que levaria uma pessoa a desejar ver um leão no seu deserto, o tigre dilacerando a presa no matagal ou o rinoceronte vagueando pelas planuras africanas (DARWIN, [19-], p. 131).

Tanto Darwin quanto outros viajantes, ao perceberem os povos indígenas como inferiores e/ou infantis, sem passado e, portanto, sem memória, realizaram uma análise superficial e preconceituosa, não conseguindo apreender a complexidade das tramas sociais de outras culturas, com códigos e valores definidos.

## A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM FAVORÁVEL PARA O BRASIL IMPÉRIO

Entretanto, apesar da visão negativa que a maioria dos visitantes possuía sobre o Brasil, no que se relacionava aos seus aspectos raciais e culturais, o país também era visto por muitos que por aqui passavam como um local de beleza singular e exuberante, devido às suas riquezas naturais. Após a independência do Brasil, ocorrida em 1822, as viagens de cunho científico que visavam (re)conhecer os meios natural e cultural do país foram muito valorizadas, pois as informações obtidas por meio delas ajudariam a criar uma história oficial para o Brasil, que estivesse de acordo com os interesses das classes dominantes e que legitimasse o poder do Imperador.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), inaugurado no Rio de Janeiro, em 1838, segundo Marilena Chauí (2000, p.50), tinha como objetivo a construção de uma história para o Brasil, solidificando mitos de fundação e criando um passado glorioso para o povo brasileiro. Responsável por construir a história do país, o Instituto promoveu um concurso no qual seria o ganhador quem melhor escrevesse sobre a tarefa do historiador brasileiro. O naturalista alemão Von Martius foi o vencedor e seu trabalho, intitulado “Como se deve escrever a história do Brasil”, publicado em 1844, apontou qual seria a maneira correta de se fazer história no país. Para Von Martius, era função do historiador brasileiro elaborar uma história que abarcasse as três raças, conferindo maior importância ao branco, considerado desbravador e civilizador (SCHWARCZ, 2002, p.112).

O Imperador D. Pedro II, durante o seu governo, preocupado em criar uma identidade para o Brasil e visando o seu desenvolvimento (que deveria seguir os moldes dos países europeus), investiu na imagem externa do país, que passou a ser “cuidadosamente construída” (Ibidem, p. 31). Esse investimento se explica pelo fato de que, no Segundo Reinado, o Estado brasileiro já estava consolidado no que se refere à parte política, mas não havia ainda uma identidade nacional. Desse modo, o Estado precedia a nação, tendo sido realizados primeiro os arranjos políticos e os domínios territoriais, para, depois, se pensar na construção da nação. Não é à toa que no período da monarquia o país esteve presente em várias exposições universais<sup>1</sup>, sendo elas: 1862, em Londres; 1867, em Paris; 1873, em Viena; 1876, na Filadélfia e 1889, em Paris. O Brasil também foi sede de eventos dessa natureza, porém de menor proporção e voltados para o público interno. Assim, o país passou a ser apresentado como *novo*, na tentativa de sobrepor a imagem de moderno e civilizado à de um local repleto de matas e “selvagens” (Ibidem, p.31).

Outra tentativa empreendida pelo Imperador foi incentivar e facilitar a vinda de pesquisadores estrangeiros ao país. Os viajantes naturalistas do século XIX possuíam a intenção de compreender e classificar os homens e a natureza. Inclusive, seus relatos de viagem criaram uma imagem de Brasil para os próprios brasileiros, através das descrições da constituição racial do povo e dos seus costumes, da geografia, do clima e da vegetação do país.

No II Reinado se iniciou uma maior divulgação do Brasil, na qual o índio e o branco ocupavam um papel central. A imagem do indígena, ao lado da natureza edenizada, era forte desde o século XVI, mas a representação do selvícola era bastante negativa, associada à falta de fé e ao canibalismo. No século XIX, é um índio idealizado, o “nobre da floresta”, que se

---

<sup>1</sup> Exposições internacionais, surgidas em meados do século XIX, de cunho artístico e científico, que visavam apresentar ao mundo as novas invenções técnicas.

sacrificara em nome da civilização trazida pelo homem branco, que aparece na iconografia oficial, nos textos produzidos pelo IHGB e na literatura romântica (SCHWARTZ, 2004,p.132).

Essa mudança de imagem se deu porque a unificação social passou pela unificação cultural. Pretendeu-se a eliminação da alteridade para se criar uma identidade homogênea, na qual o indígena fora selecionado como ícone nacional. Os índios, que simbolizavam o passado glorioso, em nada tinham a ver com os atores sociais que povoaram o país, sendo personagens minuciosamente construídos para fins políticos. Quanto aos negros, considerados inferiores, pode-se dizer que eles raramente apareciam nas representações oficiais, visto que a escravidão e o fato de haver negros fazendo parte da dinâmica social do Brasil era considerado vergonhoso, um lado “obscuro” que D. Pedro II e as classes dirigentes tentavam camuflar.

## CONCLUSÃO

Desse modo, o “problema racial” permeou as mentes dos visitantes estrangeiros que estiveram no Brasil dos oitocentos, principalmente a dos pesquisadores naturalistas, pois a diversidade racial brasileira também representava um problema para a ciência ocidental. A questão se tornou muito mais incômoda para os políticos e intelectuais brasileiros, que precisavam encontrar uma solução para esta sociedade de raças misturadas, pois só assim o Brasil poderia se desenvolver e progredir.

A diversidade racial e cultural brasileira, desde que se pretendeu construir uma história oficial para o Brasil – a partir da independência – e criar uma identidade nacional, é vista como uma questão a ser resolvida. Havia uma grande dificuldade em caracterizar o povo brasileiro, afinal, quem poderia representar o brasileiro típico? O indígena, que era considerado culturalmente inferior? O português, vindo da Europa? O negro, trazido como escravo da África e tido como biológico e culturalmente inferior?

No século XIX, mesmo com a tentativa por parte do governo brasileiro, especialmente a partir do II Império, de mudar a imagem do país no exterior, criando um índio romantizado e “esquecendo-se” propositadamente do negro, a diversidade racial continuou a dar o tom do exotismo que tanto impressionava (mesmo que de forma negativa) os visitantes.

A diversidade racial e cultural tornava-se, doravante, um atrativo que despertava a atenção dos estrangeiros que aportavam no Brasil tropical, ávidos por se depararem com “bárbaros na sua terra nativa”, como citou Charles Darwin, e paisagens exóticas. Assim, a raça é uma peça chave que desde meados dos oitocentos está sempre se (re) posicionando no jogo das constantes elaborações das representações da identidade do povo brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Jean L.R. e Elizabeth C.C. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

AUGEL, Moema Parente. **Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista**. São Paulo, Cultrix; [Brasília]: INL, 1980.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DARWIN, Charles. **Viagem de Um Naturalista ao Redor do Mundo**. Abril Cultural, 2ª ed., [19-].

GUIMARAES, M. L. S. História e Natureza em Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a Nação. **Histórias, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. II, 389-410, jul.-out., 2000.

HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia 1860: esboços de viagem**. Rio de Janeiro/Bahia, Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

PIRES, Mário J. **Raízes do Turismo no Brasil. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX**. Barueri: Manole, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SILVEIRA, Renato da. “Os selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental”. **Afro-Ásia**, 23, 2000.

SPIX, J. B. von & MARTIUS, Carl F. P. **Viagem pelo Brasil, 1817-1820**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1981, vol. II.

SUZANNET, Conde De. **O Brasil em 1845**. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia – 1850**. Salvador: Corrupio, 1999.